

ENTREVISTA

ANDREW BABSON

Cofundador e pesquisador associado sênior do Global Possibility Network (GPN), da Escola de Pós-graduação em Educação da Universidade da Pensilvânia (Penn GSE), Andrew Babson é especialista em Antropologia do Desenvolvimento de Jovens, tendo realizado pesquisa etnográfica sobre mobilidade de classe, educação superior, multilinguismo, identificação e pertencimento em uma comunidade de jovens da área semirural de Mankweng, na província de Limpopo, na África do Sul, no período pós-apartheid.

No passado, Andrew Babson foi professor na Penn GSE e professor adjunto na Faculdade de Educação e Desenvolvimento Humano na Temple University. Para além de atividades acadêmicas, o entrevistado atualmente exerce seu segundo mandato como membro do Conselho de Educação (Board of Education) de Escolas Públicas do Distrito Escolar de Radnor, no Condado de Delaware, Pensilvânia, portanto compartilha experiências enquanto teórico do campo da educação e como gestor público. Esta última vivência é marcada especialmente por importantes articulações políticas quanto à alocação de recursos, envolvendo negociações com sindicatos de professores, e tomadas de decisão quanto aos protocolos sanitários – envolvendo interpretações sobre o estado da arte da ciência médica sobre o vírus – e sobre mudanças nas rotinas pedagógicas ao longo da pandemia da Covid-19.

Com sua bagagem acadêmica nos campos da Filosofia, Antropologia Cultural e Educação, ao tratar do período pouco estudado compreendido pela passagem da vida jovem à adulta (aproximadamente dos 15 aos 35 anos), o entrevistado desenvolveu o conceito de “possibilidades” ao explorar repertórios linguísticos, identificações e aspirações de jovens em transição da realidade escolar para a profissional.

Nesta entrevista, o pesquisador comenta que evidências empíricas iniciais do campo da Educação não surpreendem ao demonstrar que os mais afetados pela pandemia teriam sido justamente pessoas de ascendência não europeia que já se encontravam em regiões de baixo investimento de recursos educacionais per capita, o que reforça a tese previsível de que os efeitos da pandemia teriam recaído mais fortemente sobre os já anteriormente menos privilegiados socioeconomicamente.

Com uma visão crítica, ao ser indagado sobre recomendações para teóricos das Ciências Sociais interessados no tema da educação em sua faceta pandêmica, sugere – tal qual o movimento de “sair da varanda” ou “da poltrona” foi adotado por Malinowski, entre outros –, que teóricos saiam de seus gabinetes de pesquisa e passem a frequentar os Conselhos de Educação locais, onde efetivamente são plasmadas políticas de educação.

Andrew Babson foi entrevistado em inglês por uma das organizadoras deste Dossiê, Maria Rita Villela, educadora, pesquisadora e doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). A tradução da entrevista também foi realizada por Villela.

Maria Rita: Gostaríamos de aprender sobre teoria, prática e política educacional na pandemia. Considerando sua experiência teórica e prática vamos explorar em que medida os problemas que existiam antes da pandemia foram agravados.

Andrew Babson: Gostaria de chamar atenção para o fato de que não vi nenhuma pesquisa que realmente tenha me chocado ou surpreendido. Talvez precise me esforçar mais para encontrar evidências de pesquisas sobre os resultados da educação na pandemia do Covid-19, porque as únicas informações até agora confirmam basicamente algo que poderíamos ter suspeitado antes: as crianças que não tinham recursos durante a pandemia foram as mais afetadas, depois as outras. Isso não é surpreendente, acho que apenas ressalta a necessidade de corrigir as desigualdades – supondo que essa seja sua orientação política.

Acho que muitas pessoas que decidiram ingressar na educação têm um ponto de vista humanitário, às vezes religioso, e endossam a ideia de que os recursos fossem disponibilizados para os sistemas educacionais.

As escolas da Filadélfia refletem o racismo e a desigualdade que caracterizam as áreas urbanas em nosso país. Eu odeio dizer, mas, novamente, não é realmente uma surpresa que, entre pessoas de cor, ou descendentes não europeus (que também são do grupo desfavorecido), – há uma forte sobreposição em nosso país dessas duas identificações –, predomina uma porcentagem de pessoas pobres. Para ser mais específico, pessoas de origem africana, que se identificam como negras, e pessoas que se identificam como de origem espanhola/latina.

Também quero qualificar que, muitas vezes, pessoas de classe média e alta dessas origens são meio ignoradas nas conversas. A razão pela qual esses grupos são frequentemente reunidos, é porque existe uma quantidade desproporcional de pessoas nessa demografia na pobreza, em comparação com os brancos. Isso não significa que não haja muitos brancos na pobreza também. Há muita dificuldade econômica entre eles.

MR: Aqueles que estão bem em termos de riqueza também são afetados, como conhecemos, enquanto professores de escolas particulares. Mas sim, estamos mais interessados no aspecto da desigualdade, dentre os não europeus, especialmente porque ocorre o mesmo aqui no Brasil.

AB: Isso merece uma conversa paralela. O Brasil, como os EUA, é extremamente desigual, o que permeia tudo que falamos aqui. Porque você tem esse agente biológico não discriminatório, equalizador, muito universal, chamado vírus, e, assim, basicamente a mesma oportunidade de ser infectado. Contudo, você tem esses resultados que são muito desiguais que correspondem à falta de recursos e todas essas mazelas sociais.

MR: Quero saber como você define recursos. Mas, antes, por favor, fale sobre sua trajetória.

AB: Sou Andrew Babson, formado em antropologia e pesquisa educacional. Meu foco é o desenvolvimento de jovens adultos – tempo da vida chamado de *fusão da idade adulta*, que vai da adolescência ao início da vida adulta, sendo qualquer momento entre a adolescência e dos vinte e poucos até trinta anos.

Minha pesquisa originalmente se concentrou no desenvolvimento da identidade dos jovens sul-africanos, particularmente quanto ao papel da etnia e do uso da língua. O que me interessava naquela pesquisa era conhecer como os jovens embasavam sua identidade sob a perspectiva étnica. Mesmo uma perspectiva familiar como um recurso para eles, como uma fonte de força, à medida que avançavam em uma sociedade e estrutura de oportunidades profundamente desiguais. Portanto, há também um forte componente rural/urbano nisso. Essa minha pesquisa original me levou à direção que segui.

Vim para a Escola de Pós-Graduação em Educação da Filadélfia, Pensilvânia; também lecionei na Faculdade de Educação da Universidade de Tampa. Lecionei um curso muito amplo chamado “Escola e sociedade”, que é sociologia, antropologia, educação, e, às vezes, um pouco de história. Você pode

trazer a perspectiva que quiser, desde que esteja falando sobre o contexto. Ensinei linguística educacional, em um programa de desenvolvimento humano. Na Universidade de Tampa, dei um curso chamado Culturas Juvenis, que é o curso básico de antropologia da juventude.

Esse é meu passado. Em termos de trabalho recente, cofundei, em 2020, a Global Possibility Network (GPN), razão pela qual lançamos a ideia para esta conversa. A GPN é uma rede de profissionais de desenvolvimento de jovens, atores interessados, pessoas que fazem pesquisas na área de desenvolvimento de jovens, qualquer pessoa interessada, e talvez até mesmo financiadores de programas de desenvolvimento de jovens ou organizações sem fins lucrativos. Portanto, é uma associação livre, de pessoas ao redor do mundo, trabalhando no campo do desenvolvimento da juventude.

A razão pela qual a chamamos de Rede de Possibilidades Globais é que estamos seguindo o conceito de que o núcleo da adolescência é o desenvolvimento de *possibilidades*, no qual cultivam-se possibilidades. E, quando acompanhamos esses adolescentes, eles se sentem no direito de receberem apoio. Em outras palavras, há uma certa reciprocidade que está embutida no modelo – ou uma expectativa de reciprocidade.

Em outras palavras, há uma rara condição de interdependência intergeracional. É por isso que a chamamos de Rede de Possibilidades Globais, porque estamos focando nessa ideia de desenvolvimento de possibilidades como o núcleo do desenvolvimento de adolescentes, e talvez jovens adultos também. Poderíamos apenas chamar juventude, para nos referirmos a adolescentes e adultos. Quando falamos *juventude*, nos referimos à fusão do período da adolescência com os primeiros anos da idade adulta.

Além disso, o GPN é uma organização sediada na UPenn, que está focada em fornecer qualquer tipo de consultoria de capacitação para organizações sem fins lucrativos ou outros pesquisadores que gostariam de se unir e trabalhar juntos. Fizemos projetos em vários países ao redor do mundo.

Por nós, quero dizer pessoas diferentes em nossa rede. Por exemplo, na Nicarágua, existe um programa de desenvolvimento da força de trabalho chamado *Seeds of Progress*, no qual estamos envolvidos, que ajuda os jovens a usar seu envolvimento na indústria do café como um ponto de partida para descobrir quais outras coisas eles podem querer fazer com suas vidas. Também houve trabalho similar na China, por exemplo, sobre como ajudar os jovens a se adaptarem a uma economia de mercado, especialmente os jovens das áreas rurais. E, finalmente, houve um trabalho interessante feito no Vietnã, Turquia e Índia, onde alunos do Ensino Médio foram entrevistados sobre seus objetivos e motivações em sua educação e como eles se veem depois de formados.

Para recapitular: a GPN é uma associação onde temos reuniões regulares, discutimos, colaboramos e compartilhamos ideias. Mas também é uma consultoria baseada na UPenn, focada em capacitação. Também fazemos algumas pesquisas de avaliação e monitoramento, mas estamos concentrado principalmente em fornecer ideias de como expandir ofertas para os jovens, no sentido do desenvolvimento de possibilidades.

MR: Vamos falar de teoria, prática e política. Para começar, você tem algum embasamento teórico do seu trabalho que seja útil para compartilhar e concorrer para uma melhor compreensão do atual cenário educacional pós-pandemia?

AB: Acho que uma base teórica que tem sido útil, – algumas pessoas podem ser céticas quanto a isso –, mas qualquer tipo de abordagem crítica tem sido muito útil para mim. Refiro-me a qualquer coisa na tradição marxista que dirija as pessoas a olharem para como estão situadas na sociedade e não apenas como indivíduos; olhar para si mesmos como parte de um sistema social, como um agente em um sistema social, com vários graus de habilidade para fazer o que querem.

Então, acho que a abordagem de sistemas e olhar para as relações de poder tem-me sido muito útil. O que acho que é incumbência das pessoas, em crises como essa – baseadas na biologia, que são crises de saúde e crises de igualdade

de oportunidades –, é usar um termo que Freire pegou emprestado de Marx, 'consciência'. Acho que a beleza de usar esse termo é poder citar-se Marx, sem se restringir à teoria marxista. Pode-se olhar para o termo 'iluminação', dando-lhe algum tipo de perspectiva, com conotação de aprendizado. E o que pode ser mais esclarecedor do que a educação formal, ainda que a própria educação formal só tenha sido moldada após o iluminismo, na ideia da escola pública como um bem compartilhado?

Temos a perspectiva crítica. Sistemas de pensamento de consciência crítica, que muitas pessoas podem atrelar a perspectivas marxistas, não se restringem a isso, de forma alguma. Acho que Marx é especialmente útil para analisar relações de poder. Mas acho, como antropólogo, que quando você convive com um grupo de pessoas e aprende seu modo de vida, você tem que respeitar e deixar de lado o seu ponto de vista. Acho que há até alguns aspectos do budismo aqui, uma espécie de atenção plena. O budismo foi influente de uma forma que muitas vezes não é reconhecida na história intelectual do século XIX. A "fenomenologia transcendental", por exemplo, são os métodos qualitativos fundamentais; então o budismo, limpando sua mente, tendo esse tipo de consciência contemplativa. Acho que essas tramas de inspiração me ajudaram nesse momento.

Gostaria de voltar ao meu trabalho como membro do Conselho Escolar. Como membro do Conselho Escolar, o que tenho tentado fazer é exercer outro papel, usar outro chapéu, ter outra sensibilidade, que é olhar para o que os cientistas estão fazendo e ter uma mentalidade científica. Então, acho que se pode ter uma mentalidade crítica e também uma mentalidade científica, não são excludentes, mesmo que a academia prefira nos colocar em diferentes nichos. Pode-se ter uma mentalidade crítica em relação aos dados, refletir e olhar para os sistemas de poder que influenciam o conhecimento científico e também avaliar se as evidências são críveis ou não, e como influenciam comportamentos.

Como funcionário público durante uma crise em rápida evolução, há que se tomar decisões, tem que se pensar muito de maneiras diferentes. Pessoalmente, acho ser útil saber lidar com dados científicos e decidir se isso é evidência para uma determinada afirmação ou não. Acho que é um treinamento útil. Minha ética também tem sido preferir errar por excesso de cautela, porque é assim que acesso as evidências em geral, quando coloco meu chapéu de ciência, sendo cuidadoso com as conclusões que tiro das evidências científicas, mas também porque estou lidando com pessoas e vidas.

A minha afiliação com a UPenn ajudou-me, porque consegui contactar pessoas da UPenn que eram especialistas em epidemiologia e virologia. Foi útil ouvir o ponto de vista deles, mas depois decidir por mim mesmo se eu iria acreditar neles ou não. Por exemplo, havia uma especialista em hospital infantil ligada à Universidade da Pensilvânia, uma especialista nacional, líder em epidemiologia de virologia e crianças, que era realmente um recurso útil para falar de crianças, escolaridade, máscaras, injeções e tudo mais. Ela declarou: usamos máscaras todos os dias no trabalho e não vejo por que as crianças não podem usar máscaras na escola.

Isso no início da pandemia, outono de 2020 – que parece ter sido há milhões de anos – e eu pensava que não tínhamos muitas evidências sobre como as máscaras funcionam com crianças e esse vírus em particular e que, portanto, quero respeitar a especialista, mas, por outro lado, senti-me responsável pela segurança da comunidade. Achei melhor ir para o ensino virtual, pois tínhamos os recursos, não apenas o dinheiro, mas o pessoal qualificado, que tem tempo, experiência e orientação moral para fazer esse trabalho.

Imaginei – com uma comunidade com nossos recursos –, por que não fazer com que as crianças fiquem em casa sem ir à escola, até que se possa tomar uma vacina?

Acho que foi útil nesse momento ter uma mentalidade científica como funcionário público, para que pudesse acessar os dados científicos, mas também havia minha própria ética pessoal de cautela – porque tínhamos um patógeno novo para a humanidade – que ia contra o opinião de pessoas que sabiam,

cientificamente, mais do que eu. Mas a diferença entre mim e o respeitado epidemiologista é que estou trabalhando nas escolas, sou professor, professora, sei o que é estar na classe e ter senso de responsabilidade. Então acho que foi aí que minha opinião com o especialista divergiu, porque tinha minha própria participação profissional e também uma participação comunitária, e optei por errar pelo lado da cautela.

Você perguntou sobre teoria, mas acho que minha formação geral como PhD me ajudou muito. Você e eu tivemos esse tipo de treinamento, acho que talvez tenhamos como certo, mas a maioria das pessoas não tem, e eles não se sentem bem de terem de conviver com a situação incerta e serem capazes de tomar a melhor decisão possível.

MR: Falando do Conselho, quais são os desafios atuais que estão sendo enfrentados?

AB: Agora estou cumprindo meu segundo mandato como um dos nove membros do Conselho. Somos diretores de escolas e temos um conselho de diretores de escolas em um município suburbano fora da Filadélfia. Temos uma comunidade de 50 a 60.000 pessoas, temos 3.500/4.000 alunos em nosso distrito, em 5 escolas: uma de Ensino Médio, uma de Ensino Fundamental II e três de Ensino Fundamental I.

Tenho orgulho de dizer que geralmente somos classificados como os melhores distritos escolares do estado entre 500 distritos escolares. Nos últimos dois anos, ficamos em primeiro lugar.

Embora esteja orgulhoso do trabalho que fazemos e da qualidade que podemos oferecer aos nossos filhos, também sou bastante cético quanto ao fato de termos um sistema altamente desigual de financiamento escolar em nosso país, onde os valores da propriedade fornecem o imposto pago que financiam o orçamento operacional para as escolas. Nosso orçamento operacional de 100 milhões de dólares, se você fizer as contas, tirando o custo operacional, significa que 23.000 dólares são investidos em cada criança. Então, quando uma criança

se matricula nas nossas escolas, entre 23 e 25.000 dólares são investidos para fazer face aos custos operacionais daquela escola.

Portanto, se eu puder contrastar isso com distritos escolares pobres e em processo de empobrecimento, nesses distritos escolares, talvez 6 ou 7.000 dólares financiem uma criança nas escolas da Filadélfia. Então acho que devemos levar em conta o fato de que, no distrito, 10% são crianças negras e de outras origens não brancas, evidenciando a correspondência de desigualdade.

As pessoas se mudam para esse distrito por causa das escolas. Por exemplo, somos uma família de classe média em nosso distrito, mas há pessoas que não são classe média que moram aqui e se sacrificam bastante pela chance de seus filhos frequentarem a escola local. Essa é uma ligeira ideia do que ocorre de desigualdade nas escolas.

A razão pela qual usei a palavra recursos anteriormente é porque a palavra dinheiro deixa de fora coisas que estão ligadas ao dinheiro. Na Covid, os bairros pobres sofreram mais. Por exemplo, se já faltavam professores antes, na pandemia, com professores com medo de adoecer, não querendo ir trabalhar, algumas escolas tiveram que fechar. Isso afetou não apenas distritos escolares muito pobres, mas também alguns que não tinham tantos recursos.

Assim, a pandemia acentuou as desigualdades anteriores. Eu vou dizer que o governo importa. Houve recursos disponibilizados por um fundo federal, ESSER – fundos emergenciais relacionados à pandemia. Esses fundos foram disponibilizados para todos os distritos escolares do país. É por isso que não se pode simplesmente reduzir o assunto a recursos financeiros. O dinheiro poderia ser disponibilizado para um distrito, mas, quando não há professores disponíveis, pessoal disponível, planejamento prévio, talvez não haja pessoas prontas para usar esse dinheiro. Portanto, há múltiplos aspectos nessa questão.

A Covid afetou mais as comunidades não brancas do que as brancas. Há pesquisas em andamento sobre o porquê disso. Algumas hipóteses são que em áreas densamente populacionais há menos oportunidades de espaço e ventilação, uma questão biológica física. Há também a questão dos domicílios

intergeracionais, número de indivíduos por domicílio e falta de acesso a cuidados de saúde adequados. O que no nosso país está ligado a ter um emprego. Talvez você esteja desempregado, talvez eles não se qualifiquem para o Medicaid. Existem todos os tipos de estressores econômicos que pioraram a exposição à Covid.

Vamos dizer que você tem comorbidades decorrentes da pobreza. Há uma maior quantidade de certas doenças entre as comunidades mais pobres. Depois, há o ceticismo da intervenção do governo. Ceticismo ao que você pode ouvir na mídia sobre doenças, medicina e saúde, enraizado em uma longa história de pessoas de cor em nosso país sendo alvo de privação de recursos de saúde, experimentações, uma história muito feia da saúde pública com pessoas de cor em nosso país.

Somando-se esses vários fatores – desigualdade sistêmica, falta de recursos, mais fatores de estresse dos pais, que podem estar perdendo seus empregos por causa da Covid, ou perdendo a saúde por causa da Covid – você tem uma forte correlação entre a pobreza e os maus resultados da Covid. E lembre-se, temos uma forte super-representação de pessoas de origem não branca na pobreza. Entre os brancos, também, quanto mais pobre se é, tanto pior em termos de resultados da Covid.

MR: Você tem alguma ideia sobre como o ensino, o aprendizado e a avaliação da saúde mental foram impactados, especialmente nessa população menos privilegiada?

AB: Fui criado como católico, o que levava a sério, gostava de fazer a coisa certa. É muitas vezes esquecido no discurso público, mas fazer a coisa certa realmente é bom. E acho que as pessoas têm atitudes diferentes sobre cuidar dos outros. E acho que um dos perigos de que se fala há séculos, senão décadas, sobre o liberalismo como filosofia política e social, desde o início foi a questão incômoda da moralidade. Que sistema moral, se houver, deve ser compartilhado entre um grupo de pessoas? Quanto devemos permitir a

formação de subgrupos? Que tenham seu próprio sistema moral? Existe algum tipo de sistema moral secular que possa ser compartilhado?

Johann Herder é um filósofo muito interessante porque ele falou sobre muitas coisas que seriam consideradas be-a-bá antropológico, mas muito antes disso a disciplina tomou forma. Ele era um pastor luterano, mas também um estudante de Kant que se interessou por todas as questões que inspiravam os filósofos iluministas do século XVIII na Alemanha, das quais uma delas era a origem da linguagem. Ele escreveu um tratado sobre o assunto e Edward Sapir, conhecido como o fundador moderno da antropologia linguística, escreveu uma tese sobre o ensaio de Herder.

Herder pensou que era muito influente. Eu o evoco porque acho que é importante para nós vermos a pandemia como um choque para o sistema moral. E talvez um alerta de que você não pode ir muito longe na direção do secularismo enquanto ignora os sistemas morais. Acho que o que acontece é que as pessoas associam o secularismo com falta de moral. Eu acho que realmente abalou nosso senso de sistemas morais. Mas talvez eu esteja falando por mim mesmo como alguém que teve uma forte educação moral, mas que não é mais um católico praticante, podendo ver as coisas de uma perspectiva mais secular.

Charles Taylor também se interessou pelas ideias de Herder. Ele falou sobre uma estrutura moral mínima. Defendia que precisávamos de algum tipo de sistema moral compartilhado, ou nossa sociedade iria entrar em colapso. Parece tão óbvio, mas se nos agarramos demais ao liberalismo, à independência de pensamento, independência da razão, independência do senso de certo e errado e liberdade moral, se adotarmos muito pluralismo, esse excesso pode resultar em fragilidade moral. Então, acho que a pandemia ofereceu uma chance de repensar essa ideia de um sistema moral compartilhado.

Costumava ensinar em Culturas Juvenis sobre como jovens usariam a arte para criar novos movimentos sociais, e quando estava apresentando o conceito de cultura para os alunos, dizia, como você definiria a cultura americana, como um grupo compartilhado de normas e valores? O que nos une como país? Então

fizemos um *brainstorm* e colocamos no quadro coisas como “as Kardashians”, ou esportes, ou qualquer outra coisa e eles reagiam, uau, o quê, realmente? O capitalismo é o que nos une? Se o capitalismo como sistema moral os une, e só se tem um sistema legal que reflete um sistema moral, isso é medíocre, e é isso que estamos vendo agora.

Portanto, se os alunos aprenderam algo naquela aula, não estranharam o que estava acontecendo com Trump e o enfraquecimento de nosso tecido social.

Portanto, a pandemia, espero, seria uma chance de chegar a um consenso moral. Queria dizer tudo isso para levar à questão da saúde mental porque, como antropólogo, você pensa em como as pessoas estão trabalhando em um sistema social. Aprende-se sobre sistemas de parentesco, uma coisa antropológica muito social. Até Sapir, quando falou sobre a origem da linguagem e Herder, sobre como a linguagem é social e envolve um diálogo na mente – uma base relacional dialógica da existência humana –, mostram que somos seres sociais e relacionais em cada pedacinho de nossa existência.

Antropólogos têm essa mentalidade, que é muito interessante para a questão da saúde mental. Li um artigo ontem no Guardian escrito por Sanah Ahsan, chamado “Sou psicóloga - e acredito que nos contaram mentiras devastadoras sobre saúde mental” o que achei extremamente oportuno. O subtítulo é “a compreensão das sociedades sobre os problemas de saúde mental localiza o problema dentro da pessoa – e ignora a política de seu sofrimento”. Eu acho que é um ótimo ponto.

Para um antropólogo, lemos isso e dizemos, claro! Dou-lhe um exemplo: um professor de meio período, substituto, professor adjunto, sem mutualidade cultural, significado, reciprocidade baseada em pertencimento, sem um dado papel social, e apoio social no sistema, estará lidando com a incerteza da pandemia de maneira muito diferente, e provavelmente muito pior, do que se fizesse parte de um sindicato forte, se estivesse em tempo integral, se tivesse um contrato, um emprego garantido.

Por exemplo, uma das minhas funções no Conselho Escolar tem sido envolver-me nas negociações dos professores, e tenho a reputação de ser pró-professor. Multar. Sou sindicalista, militante sindical e educador, então faz sentido que eu tenha esse tipo de disposição. Temos um recurso muito especial em nossa comunidade de ensino chamado 'banco de dias de doença'. Nesse banco, as pessoas podem emprestar seus dias de doença. Digamos que você tenha que se submeter a um tratamento de câncer por um período mais longo, você pode ir ao banco de dias de doença e sacar esses dias. Em uma comunidade pobre esse professor não teria esse recurso.

Então, quando pensamos em saúde mental, como ela se relaciona com o sistema em que se trabalha, com as condições de trabalho? O que se costuma dizer e é 100% verdade, é que as condições de trabalho de um professor são também as condições de aprendizagem dos alunos. Se um professor não se sente bem e não é capaz de se concentrar em fazer seu trabalho profissional, como um jovem pode obter o melhor aprendizado possível? Portanto, esse é outro fator que concorre para a desigualdade dessa equação.

Saúde mental em jovens. Tenho 47 anos, nasci em 1974, fui criança nos anos Reagan e jovem adulto nos anos 90. Sorte minha, porque de certa forma cresci em uma época em que pensávamos que o melhor estava por vir, porque a Guerra Fria acabara de terminar e havia uma esperança simbólica para o novo milênio. Também fiz parte de uma cultura techno nos anos 90, indo ao techno dance e colecionando discos... naquela cultura, tudo era paz e amor, lembrando os hippies dos anos 60, muito idealista. Agora penso no mundo que os jovens têm, e por que eles não estariam deprimidos?

Por exemplo, quão inquietante é saber que o desastre climático é incipiente, que eles têm que agir muito rapidamente sobre essa realidade herdada? E o excesso de neoliberalismo, também não é obra deles, vêm de economias de mercado livre em uma base cíclica.

Pessoas com muito dinheiro gostam de apostar, perseguir coisas bobas como criptomonedas e NFTs. Se eu fosse jovem, em crescimento agora, não me

sentiria muito bem. Mas cada criança é diferente, algumas são capazes de compartimentalizar mais. Isso não é culpa deles, eles não escolheram o DNA que herdaram, ou a família em que nasceram. Se estiverem deprimidos, com ansiedade generalizada, ou até mesmo com um diagnóstico não clínico, aborrecidos ou estressados, acho que o mundo que eles herdaram é que é o problema fundamental.

Voltando a esse artigo, ela fala de uma tradição chamada 'Psicologia da Libertação', e diz que foi fundada nos anos 80 por Ignacio Martin Baró. Eu nunca tinha ouvido falar, mas tendo uma formação jesuíta e conhecendo a Teologia da Libertação, é uma ideia maravilhosa para nós pensarmos em termos de Covid, em como a pandemia afetou os jovens e como os problemas que eles estão enfrentando não foram criados por eles. Eu realmente me sinto mal pelos jovens que pensam que há algo de errado com eles, que se sentem ansiosos e deprimidos. É aqui que o termo 'positividade tóxica' provavelmente poderia ser introduzido. Isso não quer dizer que a positividade não seja adaptável. Pelo contrário, porque se você tenta forçar as pessoas a adotar uma atitude positiva diante de fatores de estresse muito compreensíveis sem fornecer recursos e dar suporte para lidar com problemas...

Para mim, o antídoto é a agência. Eu sei que isso é muito simplista. Acho que no Guia Lidando com Incertezas, um tema recorrente é que às vezes não é *o que* você vai fazer que é o passo a ser focado; é primeiro mudar a mentalidade e depois agir. Se você ler o guia,⁵ há muitas sugestões para se relacionar; a quem recorrer; com quem falar; como falar consigo mesmo; como avaliar a si mesmo.

E talvez um ponto final seja que a mentalidade de incerteza novamente deve ser uma peça de agência em recuperação, que, sim, tente ajustar sua mentalidade o melhor que puder para lidar com o mundo ao seu redor da melhor

⁵ PennGSE. 2002. *Planning for Uncertainty: An Educator's Guide to Navigating the COVID-19 Era*. Disponível em: www.gse.upenn.edu/system/files/Planning-for-Uncertainty-Guide.pdf.

maneira possível, mas não perca a agência para mudar o sistema, o que muitas vezes é muito difícil porque exige uma ação coletiva.

Uma esperança neste momento é que as gerações mais jovens são mais céticas em relação ao pressuposto cultural neoliberal, porque o neoliberalismo não é apenas uma filosofia econômica, é uma filosofia sociocultural, uma maneira de olhar e estar no mundo que privilegia os direitos individuais do liberalismo clássico, mas também traça uma correspondência com o capitalismo não regulamentado.

Embora seja bom ser autossuficiente e desenvolver um senso de independência, também espero que as pessoas renovem sua esperança na ação coletiva. Talvez isso possa ser uma esperança de se ter. Talvez a Covid possa fornecer um pouco de choque moral ao sistema; talvez nos lembre de como somos interdependentes, biologicamente, socialmente, culturalmente, politicamente. A mudança sistêmica nunca acontece a partir e individual, sempre acontece a partir do social. E honestamente acho que os jovens da geração Z são mais capazes de ver isso do que a nossa geração. Na nossa geração, ainda éramos muito esse tipo de mentalidade capitalista individualista. O movimento Occupy foi muito útil para reduzir isso.

MR: Acho que o interculturalismo faz mais parte da paisagem deles. Qual seria uma recomendação que você faria para acadêmicos que estão interessados em entender como a pandemia impactou a educação?

AB: Eu diria para ir às reuniões do seu partido político local e se envolver. Devo dizer, porque acho que a pandemia foi um chamado para nos lembrarmos de que somos seres humanos, somos seres morais, estamos conectados uns com os outros e envolvidos, em cada pedacinho. Saia da mentalidade individualista. Não estou tentando apagar o indivíduo. A individualidade é preciosa. Mas, por outro lado, acho que se você exagerar você esquece que a harmonia é importante, a harmonia entre o individual e o coletivo é importante. Envolver-se porque acho que isso levará à mudança sistêmica necessária.